



PAINEL NARRATIVO SEMANAL:

Percepções qualitativas e estratégicas

Décima terceira rodada

Campo: 07 de agosto de 2026 | Relatório: 10 de agosto de 2026

Este relatório integra o projeto de acompanhamento qualitativo permanente da opinião pública brasileira ao longo de 2026, articulando escuta em profundidade, análise política e leitura estratégica do debate público.

Acompanhe as edições no site: <https://institutodx.org/semanaldx/painel>



EXPEDIENTE

Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas

ESTE RELATÓRIO ESTÁ LICENCIADO SOB A LICENÇA CREATIVE COMMONS CC BY-SA 4.0 BR. Essa licença permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra original, inclusive para fins comerciais, contanto que atribuam crédito aos autores corretamente e utilizem a mesma licença. **TEXTO DA LICENÇA:** <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode>

COMO CITAR ESTE DOCUMENTO:

VASQUES, Beto; SOLANO, Esther. Instituto Democracia em Xequê (DX). Painel Narrativo Semanal: Percepções Qualitativas e Estratégicas DX, 10 ago. 2026. Período de campo: 07 de agosto de 2026. Disponível em:
<<https://institutodx.org/semanaldx/painel/>>.

EQUIPE DO RELATÓRIO

Beto Vasques

Diretor de Relações Institucionais do Instituto DX

Esther Solano

Professora da UNIFESP, pesquisadora em Ciências Sociais e conselheira do Instituto DX

Projeto gráfico: Moara Juliana e Júlia Cristofi.



ESCOPO

Nesta rodada, as atenções se concentraram em seis eixos da agenda factual recente: as investigações abertas contra Lulinha; as suspeitas envolvendo Marcola, ex-chefe de gabinete de Lula; a comparação entre os casos INSS, Lulinha e Marcola, de um lado, e Master, Dark Horse e Vorcaro, de outro; o isolamento do PL na chapa presidencial e a indicação de Alfredo Gaspar como vice de Flávio Bolsonaro; a percepção de arrefecimento do chamado “pacote de bondades” do governo; e a proposta de fim da escala 6x1. Ao final, como em todas as semanas, foi testada a inclinação de voto entre os eleitores pendulares.

O objetivo foi observar como esses episódios reorganizam percepções sobre corrupção, coerência institucional, cálculo eleitoral, entorno político, responsabilidade presidencial, família, gênero, alianças, propostas concretas, trabalho e voto entre eleitores que continuam sem decisão consolidada para 2026.

A rodada aprofunda uma hipótese acumulada desde Dark Horse: o eleitor pendular decide menos por adesão ideológica estável e mais por comparação permanente entre proteção concreta, desejo de mudança, confiança moral, risco percebido, comportamento público, maturidade, previsibilidade e fatos da semana.

PERÍODO:

07 de agosto de 2026

GRUPOS:

2 grupos focais em formato de tríades etnográficas

COMPOSIÇÃO:

Grupo 1: homens | Grupo 2: mulheres

PERFIL:

30-50 anos, ensino médio, renda familiar de 3 a 7 salários-mínimos

REGIÃO:

Preferencialmente eleitores das Regiões Metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Salvador (“*swing states*”)

TRAJETÓRIA ELEITORAL:

Votou em Jair Bolsonaro em 2018; votou em Lula em 2022; está indefinido para 2026

CRITÉRIO POLÍTICO:

Não rejeita Lula nem Flávio Bolsonaro



Painel Narrativo Semanal

Décima terceira rodada

Investigação qualitativa sobre opinião pública, preferências eleitorais e percepção política de eleitores “pendulares”.

Método	Público	Foco
Tríades etnográficas	Eleitores Pendulares	Percepções Eleitorais



Insights centrais

A décima terceira rodada mostra que a disputa entrou em uma fase de comparação moral administrada. Os casos Lulinha e Marcola reabrem ruídos sobre Lula, seu entorno e a possibilidade de favorecimento, mas não produzem, entre os participantes, uma ruptura de confiança. O dano é amortecido por três elementos: conhecimento ainda difuso dos casos, resposta pública considerada correta e percepção de que Lula mantém postura de estadista ao falar em autonomia da Polícia Federal e responsabilização dos envolvidos.

O eleitor pendular reconhece cálculo político em quase tudo. A hipótese de uma Polícia Federal mais lenta até depois da eleição aparece novamente, não necessariamente como denúncia de ilegalidade comprovada, mas como leitura resignada de que todos os atores políticos calculam seus movimentos em período eleitoral. Esse ceticismo, porém, não opera de forma simétrica: quando Lula fala de modo sereno, institucional e coerente, o eleitor suspeita do cálculo, mas valoriza a forma.

Os casos Lulinha e Marcola reforçam uma vulnerabilidade real para Lula: a qualidade de seu entorno. Mesmo quando os participantes avaliam que os valores monetários mencionados parecem menores diante de escândalos como Banco Master, e mesmo quando não atribuem envolvimento direto ao presidente, cresce a cobrança para que Lula seja mais cuidadoso com a escolha de pessoas próximas e preserve sua linha clara de autonomia investigativa.

Na comparação entre escândalos, o tema da corrupção continua mais desfavorável a Flávio Bolsonaro. O caso Master pesa mais pelo montante percebido como exorbitante, pelo envolvimento direto do senador em conversas com Vorcaro, pelas idas e vindas em

suas versões sobre o caso, pela ausência de explicações e por não apresentar as provas e documentos que havia se comprometido a tornar públicos. Com tudo isso, Flávio deixa a impressão de estar mentindo e atuando de forma dissimulada. Já o caso INSS, embora os valores conhecidos até o momento ao redor de Lulinha e Marcola seja menores, traz uma dimensão moral sensível por envolver idosos e aposentados, mas, no material testado, aparece mais distante de Lula do que Master aparece de Flávio.

O isolamento da candidatura de Flávio, agora acrescido da indicação de Alfredo Gaspar como vice, aprofunda a leitura de toxicidade, fragilidade e má escolha. A acusação mencionada contra o indicado a vice gerou estupor e indignação, especialmente pela incoerência percebida entre o discurso de defesa da família e a escolha de um nome associado a uma denúncia desse tipo. Para os participantes, a escolha parece menos demonstração de força e mais sintoma de falta de opções. Michelle Bolsonaro volta como alternativa contrafactual: todos os participantes avaliam que teria sido politicamente mais inteligente indicá-la como vice, por sua força entre mulheres e evangélicos e pela possibilidade da campanha narrar uma reconciliação. Mas a alternativa aparece como inviável: tanto por soar falso uma aproximação uma vez que a relação com Flávio parece muito desgastada, como por Michelle ser percebida como mais forte e preparada do que ele e dificilmente aceitaria papel decorativo.

No campo governista, o “pacote de bondades” saiu do centro do noticiário, substituído por corrupção, conflitos familiares e negociações internacionais. A exceção é a escala 6x1: quando lembrada, a medida desperta entusiasmo e aparece como uma oportunidade de Lula reconectar política social, trabalho, qualidade de vida e futuro. A demora no Senado, associada a Alcolumbre, pode virar problema institucional ou oportunidade eleitoral, se Lula souber pressionar e transformar a proposta em compromisso concreto.

Na inclinação final, o voto permanece relacional. A maioria se inclina a Lula por postura, serenidade, experiência e por comparação com um Flávio visto como errático, ensimesmado, cercado de polêmicas e agora fragilizado pela escolha do vice. A inclinação a Flávio sobrevive apenas na forma abstrata do desejo de mudança. Nesta rodada, mudança continua desejada, mas parece ainda menos segura.

Sumário executivo visual

Doze leituras estratégicas para decisão política e comunicação.

1

Lulinha e Marcola são conhecidos de forma difusa

Os participantes ouviram falar de suspeitas envolvendo pessoas próximas a Lula, mas não dominam detalhes. O conhecimento baixo torna a resposta de Lula mais importante do que o fato bruto.

2

Lula melhora quando fala como chefe de Estado

A fala sobre responsabilização, autonomia da PF e ausência de privilégio é bem recebida. A confiança não é plena, mas a postura reduz dano.

3

“Pai é pai”, mas presidente não pode passar pano

A empatia familiar aparece novamente: entende-se o impulso de proteger o filho, mas o limite institucional permanece claro.

4

A suspeita de “operação tartaruga” persiste

A PF é percebida como possivelmente mais lenta para evitar interferência eleitoral. O ponto revela desconfiança estrutural, mas ainda não compromete Lula.

5

Marcola reforça coerência e cuidado com o entorno

Afastar o assessor e defender investigação autônoma é visto como atitude correta. Coerência que deve ser mantida, sob o risco de voltar-se contra Lula. Já os casos repetidos de pessoas próximas acendem alerta sobre seleção de auxiliares.

6

Corrupção comparada ainda pesa mais contra Flávio

Master é visto como mais grave pelo valor, pelo áudio, pelo envolvimento direto de Flávio e pelas explicações contraditórias.

7

INSS tem dimensão moral própria

A associação a aposentados e idosos vulneráveis sensibiliza, mas não desloca o centro da comparação porque Lula não aparece diretamente envolvido.

8

Isolamento de Flávio vira toxicidade política

Sem alianças fortes, com muitas polêmicas e pouca habilidade percebida, Flávio parece cada vez menos capaz de organizar uma candidatura nacional segura.

9

Alfredo Gaspar agrava a crise de confiança e gênero

A indicação do vice é recebida com indignação, sobretudo pela denúncia de estupro de vulnerável e sua incoerência com o discurso de “defesa da família”.

10

Michelle seria a melhor vice – justamente por isso parece impossível – e correria o risco de soar falso

Agregaria mulheres, evangélicos e narrativa de reconciliação, mas é vista como mais forte que Flávio e improvável como vice subordinada. A animosidade percebida entre eles gera dúvidas sobre a honestidade de uma reconciliação.

11

O “pacote de bondades” saiu do noticiário

A agenda social do governo perde visibilidade diante de escândalos, conflitos e EUA. Lula é cobrado a reequilibrar agenda externa e problemas internos.

12

Escala 6x1 é oportunidade de futuro concreto

A medida segue potente. Se Lula pressionar o Senado e assumir a pauta, pode transformar o atraso legislativo promovido por Alcolumbre em bandeira eleitoral de qualidade de vida e fazer do limão uma limonada.



Mapa de percepções

Como os participantes organizam Lula, Flávio Bolsonaro, os debates, o caso Lulinha, o Centrão e as zonas de disputa.

ATOR	IMAGEM DOMINANTE	EFEITO ELEITORAL
LULA	Presidente percebido como mais preparado, polido e estrategicamente inteligente. Sua fala sobre Lulinha e Marcola é vista como correta, embora sob suspeita de cálculo e eventual proteção familiar.	Inclina parte do voto por postura adulta, serenidade e comparação com Flávio. Riscos: falar demais, parecer ambíguo e perder a coerência, permitindo a percepção de favorecimento.
LULINHA / MARCOLA / PF	Casos conhecidos de modo difuso, associados a corrupção de pessoas próximas. A PF é vista como possivelmente lenta por cálculo eleitoral; Marcola reforça cobrança sobre o entorno de Lula.	Gera ruído e desconfiança, mas dano é amortecido pela resposta institucional de Lula. Pode crescer se houver sinais de proteção ou interferência.
FLÁVIO BOLSONARO	Candidato percebido como fraco, dissimulado, cercado de polêmicas, sem propostas e com dificuldade de formar alianças. Master permanece como lente dominante.	Sobrevive pelo desejo de mudança, mas perde segurança. Isolamento, vice e escândalos ampliam a percepção de toxicidade.
ALFREDO GASPAR / VICE	Indicação recebida como péssima escolha, especialmente pela denúncia mencionada contra o vice e pela incoerência com discurso de família. .	Aprofunda crise de confiança, gênero e coerência moral. Para alguns, bastou a escolha do vice para descartar Flávio.
MICHELLE BOLSONARO	Vista como alternativa mais inteligente para vice: forte com mulheres e evangélicos, politicamente sagaz e capaz de narrar reconciliação. Mas relação com enteado não é vista como reconciliação verdadeira.	É ativo eleitoral, mas também risco interno. Como é percebida como mais forte que Flávio, sua ausência reforça a fragilidade da chapa. Sua presença, uma ameaça para o senador. Uma reconciliação, se soar falsa, poderia ter o efeito contrário.
PACOTE SOCIAL / 6X1	Agenda social perdeu visibilidade no noticiário, mas a escala 6x1 mantém força concreta e emocional. Trabalho e qualidade de vida seguem temas mobilizadores.	Limão institucional de Alcolumbre, barrando o fim da escala 6x1, pode virar limonada eleitoral pra Lula, recuperando a agenda positiva e oferta de futuro se o fim da escala for tratada como prioridade, não apenas promessa.
ELEITOR PENDULAR	Desconfiado, comparativo, cansado de escândalos, mas sensível a postura, coerência, trabalho, propostas e proteção concreta.	Inclina-se a Lula por comparação e postura; mantém Flávio apenas como possibilidade abstrata de mudança.



Frase-síntese

A décima terceira rodada mostra que Lula segue vencendo a comparação quando combina forma institucional, serenidade e coerência diante de suspeitas próximas; mas essa vantagem depende de manter distância efetiva de qualquer proteção familiar ou favorecimento. **Flávio continua vivo pelo desejo de mudança, mas a indicação de Alfredo Gaspar, o isolamento da candidatura e o peso persistente do Master fazem a mudança parecer cada vez menos segura e o senador menos capaz de governar.** O voto segue relacional: Lula é escolhido menos por entusiasmo e mais por postura; Flávio é mantido no jogo menos por confiança e mais pela fadiga com a continuidade.



Achados qualitativos

Temas, interpretações e aspas selecionadas.

1

Lulinha-Marcola: conhecimento difuso, resposta institucional bem recebida

Os casos envolvendo Lulinha e Marcola aparecem de forma difusa entre os participantes. Há lembrança genérica de “suspeitas de corrupção de gente próxima a Lula”, mas baixo conhecimento dos detalhes das investigações, dos fatos específicos e das falas do presidente. As recordações das manifestações de Lula sobre o tema são igualmente difusas.

“Eu cheguei a ver algumas reportagens, mas não cheguei a ver a fundo, alguma coisa sobre corrupção “

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

“Bem por cima, só a reportagem, falando que ele (Lulinha) estaria envolvido em corrupção, mas só a chamada do jornal”

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

“Escutei que está aberto os inquéritos contra ele (Lulinha) pelos ministros do STF e é aquele escândalo do INSS que ele estava usando influência para levar lobista para o Palácio .”

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

"Eu escutei mais referente à reação do Lula mais do que das investigações."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

O baixo conhecimento factual deixa a percepção inicial sobre o caso em aberto, ainda que a princípio não seja percebido como um escândalo de grandes proporções nem gera maiores comoções.

2

PF e "operação tartaruga": morosidade como cálculo eleitoral

A percepção da semana anterior se repete: os participantes enxergam a possibilidade de a Polícia Federal agir com maior morosidade para evitar que a investigação entre no centro da disputa eleitoral. Essa leitura não aparece necessariamente como acusação de ilegalidade comprovada ou atuação irregular, mas como interpretação resignada de funcionamento da política em período eleitoral.

O ponto é relevante porque revela uma contatação estrutural: não apenas candidatos, mas instituições também são percebidas como sensíveis ao calendário político. Parte dos participantes interpreta essa lentidão possível como preservação institucional; outra parte a lê com desconfiança de possível favorecimento a Lula, como já fizera Bolsonaro.

"Acredito que sim, acho que a PF deve passar um pouco de pano para o Lulinha, aconteceu também com Bolsonaro, né? Até porque o chefe da PF é Lula quem escolhe e agora é eleição."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

"Acho que realmente o Lulinha pode estar envolvido e acho sim que a PF pode estar segurando para o assunto não vir à tona antes das eleições."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Também acredito que eles possam estar segurando para não impactar nas eleições, depois volta."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Sim, também acho, tudo acobertado pelas eleições pra voltar a andar depois."

"Vide o histórico que a gente tem na política brasileira eu não duvido, não. Eu vi isso em vários veículos e para mim já corrobora um embaçamento então acho que tem alguma coisa, sim."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"Então, acho que tudo tem que ser analisado, mas não duvido que exista até algum tipo de corrupção dentro da PF, nem que seja por conta do momento eleitoral. Já foi assim com o Bolsonaro."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

A suspeita de morosidade institucional é administrável enquanto permanece difusa. O risco para Lula aumenta se a percepção de "calendário eleitoral" se converter em suspeita de proteção ativa ao filho ou a pessoas próximas.

3

Resposta de Lula: fala correta, cálculo reconhecido e contraste com Bolsonaro

A resposta de Lula é bem recebida porque combina forma e conteúdo. Os participantes reconhecem cálculo eleitoral, mas valorizam que o presidente fale de modo medido, duro na aparência institucional e coerente com o cargo. A fala não elimina a suspeita de que Lula possa proteger o filho nos bastidores, mas reduz o dano público.

O contraste com Jair Bolsonaro é decisivo. Lula é visto como mais polido, mais estratégico e mais capaz de "falar o correto". Bolsonaro aparece, em contraposição, como politicamente inábil, impulsivo ou escancarado na defesa dos filhos. Para esse eleitor, a liturgia importa: mesmo diante de suspeitas, falar como chefe de Estado preserva autoridade.

"Acredito que ele falou de forma coerente, até porque tem um cargo político que tem que ter palavras bem medidas e duras com isso. Se ele falasse sobre seu filho outra coisa ficaríamos com pé atrás pensando que está passando pano para o filho então ele demonstrou ser inteligente...mas, claro, imagino que ele fala só para manter a aparência, mas que por trás ele pode tentar proteger o filho, a família, querendo o não é filho dele, acredito que seja mais boca para fora."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Eu acho que ele parece que demonstra que o filho vai ter que pagar. Eu não acho que ele vai se sujar pelo filho dele."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"O pronunciamento eu vi e acho que teve uma boa fala, sim."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Acho que é conveniente o que ele disse por conta de toda a proporção. É diferente a fala da ação. Ele falar isso dessa forma mostra que não haveria privilégio com um familiar, mas a gente sabe que normalmente não bem assim, como não foi com o governo do Bolsonaro."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"É impossível um pai não proteger o filho, todos nós somos seres humanos, mas o que deve ser analisado é até que nível vai isso, mas o que ele falou está correto, sim e espero que se tiver algum tipo de punição que pelo menos tenha alguma coisa. Ou seja, Lula falou está correto, mas não confio que vai ser realmente assim, né? Bolsonaro também ajudou."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"Ele falou corretamente, mas veremos agora se vai ou não passar pano realmente. Mas em relação a fala está correto."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

"Lula está sendo mais inteligente, sim. Bolsonaro tinha muita falta de inteligência na hora de falar. Lula é muito mais polido, e como governante é importante isso, não pode simplesmente abrir a boca. O Bolsonaro já pensava "todo o mundo que se exploda". Mesmo que Lula vá fazer o mesmo que não seja publicamente falado, tem que ter mais esperteza."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Concordo, demonstra mais inteligência, não se sujou tanto assim."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"O Lula foi muito mais político, tem traquejo melhor de como lidar com essas situações e agir de acordo com o que a população quer, ele sabe mais ter uma estratégia correta."

PARTICIPANTE FE, TRIÁDE 2

"Também acho Bolsonaro politicamente falando não sabe lidar com as coisas e Lula sim. Lula mostra ser um cara mais seguro, mas correto politicamente."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"A gente não sabe. Infelizmente Lula tem histórico de corrupção e muita gente não acredita. Talvez Bolsonaro é mais sincero, mais autêntico, fala o que todo político fala nos bastidores."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

Lula não é absolvido; é comparativamente recomposto. A frase correta não apaga o ceticismo, mas o coloca em posição mais presidencial do que Bolsonaro e Flávio, que continuam associados à confusão e à falas sem controle.

4

A recomendação a Lula: falar pouco, manter coerência e deixar a PF trabalhar

Após a fala inicial, os participantes recomendam contenção, mas manutenção da coerência. Lula deve manter o discurso de autonomia da Polícia Federal, evitar ambiguidades, não se exceder em explicações e voltar à agenda de propostas. A percepção é que justificar demais pode produzir efeito contrário: quem fala muito parece dever alguma coisa.

O papel de Flávio aparece indiretamente: como o senador está cercado de polêmicas, tende a tentar arrastar Lula para o mesmo terreno. A recomendação pendular é que Lula não caia na provocação e mantenha postura adulta, serena e institucional.

"Acho que ele optou pela forma correta e ele teria que se manter sem dar muitas explicações."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Está bom assim mesmo, sereno, sem farpas, sem se manchar, tem que continuar do mesmo jeito."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"Acredito que ele não deveria mudar. A partir do momento que mostra essa postura, tem que demonstrar que ele vai continuar com esse compromisso com o que é certo e também não precisa

falar muito. Quem se justifica demais é porque deve alguma coisa e segue com a vida e com o trabalho dele. Quem está sendo investigado é o filho dele, não ele.”

PARTICIPANTE M, TRÍADE 1

“Para mim ele está bem e também foi o filho dele então também está certo, tem que continuar nesse caminho de deixar a PF trabalhar sem interferência.”

PARTICIPANTE I, TRÍADE 2

“Acho que deve continuar se posicionando e tentar não se prejudicar. O Flávio vem tendo escândalos e ele quer colocar o Lula também em escândalos então acho que ele deve se posicionar de forma inteligente para não cair nisso aí. Espero que ele continue sendo inteligente para não ficar manchado por isso.”

PARTICIPANTE F, TRÍADE 2

“Lula é extremamente inteligente então a forma como ele se comporta tem que ser oportuno, continuar com esse discurso de que o filho tem que pagar caso seja culpado. Acho que ele deve também focar mais no assunto de deixar a polícia trabalhar.”

PARTICIPANTE FE, TRÍADE 2



Leitura estratégica

O melhor enquadramento para Lula é “mais palácio, menos palanque”. A vantagem aparece quando ele preserva autocontrole, enfatiza autonomia investigativa e desloca a conversa de volta para propostas e governo. Flávio precisa equilibrar a adoção de tom presidencial com estímulos a que Lula se contradiga no caso.

5

Marcola: coerência institucional, mas alerta sobre o entorno

O caso Marcola reforça, em parte, a coerência da resposta de Lula: afastar o assessor, defender a autonomia da investigação e tratar o caso como responsabilidade individual são atitudes percebidas como corretas. Quando lido em conjunto com Lulinha, o episódio sugere que Lula adotou uma mesma linha pública para dois casos próximos: não interferir, deixar investigar e, se houver culpa, responsabilizar.

Essa boa avaliação convive com um alerta importante: a repetição de suspeitas envolvendo pessoas próximas a Lula gera dúvida sobre seu entorno. A crítica não é necessariamente de

envolvimento direto do presidente, mas de falta de cuidado na seleção e monitoramento de auxiliares e interlocutores.

"Acho que está correto em afastar, isso demonstra inteligência e também no que falou, igual que o filho."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Está certíssimo, vai que a pessoa é culpada e pega mal para ele. Igual o que ele fez com filho...mas também não sei se Lula sabia do escândalo, mas sei que ele demonstra que não quer estar envolvido. Como com o filho, o escândalo é deles e Lula não tem que interferir, está certo."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"Na verdade, não sei se saberia ou não, mas o que é importante é que na dúvida ele tem que afastar essas pessoas e se a merda estourar não chega a ele e vai sair certo na frente do país. Ele agiu como governante."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Ele agiu certo, tem que afastar, Lula não sabia de nada? Fica difícil defender ele nesse quesito. Tanta gente próxima de Lula. Eu vi no noticiário que ele não sabia que foi pego de surpresa. Será que isso foi um empréstimo ou foi suborno? São gente muito próxima do Lula, tem que cuidar disso senão aí fica difícil defendê-lo."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

"Acho que é pouco dinheiro, né? Acho que talvez Lula não sabia porque não era muito dinheiro, mas por ser uma pessoa muito próxima acaba prejudicando a imagem."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"Foi a atitude correta. O filho não pode deixar de ser filho mas com este assessor ele tem que fechar o vínculo pessoal. Mas de fato para essas pessoas não é um valor muito alto então acho que talvez Lula não sabia, mas o ponto para mim é que as pessoas próximas a Lula então se relacionando com pessoas ilícitas. Lula deveria ter mais atenção com isso, né?"

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

A coerência institucional de Lula reduz o dano, mas não elimina o risco de contaminação pelo entorno. A vulnerabilidade não é apenas "o que Lula fez", mas "quem Lula deixa chegar perto".

INSS/Lulinha/Marcola versus Master/Dark Horse/Vorcaro: corrupção comparada

A comparação entre casos organiza a rodada. Os participantes tendem a diferenciar o grau de proximidade do candidato com o episódio: no INSS aparecem Lulinha e pessoas próximas a Lula; no Master aparece Flávio diretamente em conversa com Vorcaro. Essa distinção torna a corrupção, no material testado, mais desfavorável a Flávio.

O valor percebido também pesa. Master aparece como corrupção em escala superlativa, com montantes “exorbitantes” e perguntas sobre destino do dinheiro. O INSS, por outro lado, carrega uma dimensão moral sensível por envolver idosos e aposentados vulneráveis. Mas o conjunto da comparação ainda tende a prejudicar mais Flávio, pela combinação entre valor, áudio, envolvimento direto e explicações inconsistentes.

“Se a gente tiver que comparar, a pessoa que chega pedindo esse valor (Flávio com Vorcaro) é porque a pessoa é muito bandido e acabou vazando, mas aí é bem pior. O PT teve vários casos de corrupção, mas agora o que foi comprovado realmente é pior para Flávio. Nessa eleição acredito que o tema da corrupção sempre vai ficar aquele jogo de acusações, mas o que salva o Lula é a postura que está tomando e não tá ligado direto, é o filho. Do lado do Flávio não foi inteligente, já o Lula sim, ele está sendo mais esperto, já o outro lado não.”

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

“Pelo que estou vendo ultimamente pega pior para direita porque era muito dinheiro e o Flávio tá direto e seus aliados são muito caóticos, muito polêmica e o Lula está sendo mais inteligente. Já o outro é só troca de farpa.”

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

“A reação dos dois é bem distinta e também a gente vê o filho de Lula e assessores já o Master a gente vê o Flávio envolvido diretamente e um valor muito grande. Acho muito mais grave o caso Master que tem gravações e provas contra o Flávio diretamente.”

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

“A gente vê o Master com valores exorbitantes. A gente fica muito curioso para entender aonde foram esses valores. Mas a questão do INSS tem uma coisa social muito mais forte, mexe com pessoas vulneráveis, aposentados, idosos...Para mim os dois devem ser igualmente investigados, mas do ponto de vista das consequências são igualmente danosos, mas com certeza o Master vai

ser pior nas eleições, porque tem o áudio e pelos valores, vai ser pior para Flávio, é muito dinheiro, deve ter muita coisa em troca.”

PARTICIPANTE FI, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

A corrupção deixa de ser apenas um “são todos iguais” indiferenciado. O eleitor compara proximidade, escala financeira, prova percebida, reação pública e vítima moral. Nesta rodada, essa comparação continua mais custosa para Flávio.

7

Flávio isolado: toxicidade, fragilidade e ausência de proposta

O isolamento de Flávio é lido como sintoma de polêmicas acumuladas, falta de preparo e baixa habilidade política. O Centrão aparece como ator pragmático: se não se aproxima, não é por pureza programática, mas porque calcula a expectativa de poder de Flávio minguante e não quer se amarrar a uma candidatura vista como arriscada. Sua “independência” visa manter a porta entreaberta com Lula em caso de reeleição do petista.

A avaliação é dura: os participantes dizem não conhecer nada positivo de Flávio, cobram programa e propostas, e associam sua imagem a mentira, dissimulação e “rolo”. Em alguns momentos, Jair aparece como mais autêntico do que o filho — o que aprofunda a dificuldade de Flávio de se construir como liderança própria.

“Ah, ele demonstra ser muito fraco, né? Acho que os políticos não confiam nele. Tanta polêmica, tanta briga.”

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

“É isso, a gente não sabe realmente nada positivo dele. E o programa, e as propostas? Acho que os partidos não querem se juntar a ele porque pensam que ele não vai ganhar.”

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

“Pelo nível do perfil do Flávio está muito claro que tem coisa de corrupção, errada. Bolsonaro pode ser verdadeiro, mas ele não, isso é muito ruim para a imagem dele então ninguém quer fazer aliança com quem erra tanto, mente em público como o caso do Máster, ele se embolou todo na entrevista. Fazer aliança com alguém com essa personalidade duvidosa é complicado. A forma como se posiciona prejudica muito ele com as parcerias dele.”

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"Para os partidos do centrão é melhor ficar neutro, caso Lula ganhar eles vão poder governar."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

O isolamento funciona como validação externa da desconfiança interna: se partidos e aliados evitam Flávio, o eleitor conclui que há algo politicamente tóxico ou frágil em sua candidatura.

8

Alfredo Gaspar como vice: indignação, gênero e incoerência moral

A indicação de Alfredo Gaspar como vice — associada, no material testado, a uma denúncia de estupro de vulnerável — produziu forte indignação. O impacto não é apenas jurídico ou reputacional: é moral, de gênero e de coerência narrativa. Participantes perguntam como alguém que fala em família e pretende representar a nação poderia escolher um vice com esse tipo de acusação.

O episódio aprofunda a vulnerabilidade de Flávio entre mulheres e eleitores sensíveis ao discurso de defesa da família. A escolha é lida como péssima não apenas pelo conteúdo da acusação, mas porque parece confirmar isolamento: Flávio não teria conseguido nomes melhores e, por isso, teria recorrido ao que estava disponível.

"Realmente, tem tanta pessoa para escolher e escolher uma pessoa dessa, sinceramente, não sei por que ele faria isso, mas para mim é muito negativo."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"Péssima escolha. Quem vai votar numa pessoa com um vice desses? Eu não votaria. Eu acho que devem ser amigos e de repente acreditar na inocência deles. Eu não sabia, mas vai ser muito mal falado isso."

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Na dúvida você vai deixar uma pessoa dessas governar? Uma menor? Só pelo lado dos votos femininos já vai perder daí. EU não aceito. As mulheres sustentamos o país. Isso vai ter um peso muito grande, até pior que o banco Master, principalmente vindo de pessoas que dizem que são de família, imagina para os evangélicos."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

“Eu não sabia, mas é algo que não tem nenhuma justificativa escolher uma pessoa dessas. Como estar próximo de uma pessoa dessas? Na política tudo é muito pensando com conchavos, né? De repente ele poderia trazer mais verba e alianças. Ele parece estar ficando muito perto do Bolsonarismo mais raiz e tem dificuldade de criar relações com outros partidos e aí quem estava disponível e era melhor para atrair recursos era esse vice.”

PARTICIPANTE FI, TRIÁDE 2

“É um grande problema. Além de eu achar que Flávio não teve muita opção, ele vai tentar defender essa situação, mas para mim não é defensável, de forma nenhuma, principalmente de alguém que fala de família e vai representar uma nação.”

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

A escolha do vice condensa três problemas de Flávio: isolamento político, incoerência com a retórica de defesa da família e dificuldade de reconstruir confiança com mulheres. Para alguns participantes, a indicação sozinha já basta para afastar voto.

9

Michelle como vice: a alternativa mais lógica – e mais inviável – mas, se soar falso, pior

Todos os participantes avaliam que Michelle Bolsonaro teria sido uma escolha mais inteligente para vice. Ela traria narrativa de reconciliação, força junto a mulheres e evangélicos, e agregaria capital político que hoje Flávio não tem. A comparação com Alfredo Gaspar torna essa hipótese ainda mais evidente.

Justamente por isso, a alternativa parece inviável. Michelle é vista como mais sagaz, mais forte e mais preparada do que Flávio. Não aceitaria ser vice decorativa e poderia expor ainda mais a fragilidade do enteado. Em paralelo, o pedido de desculpas de Flávio e o perdão de Michelle perdem força para uma constatação de que animosidade entre eles persiste. Por isso, neste momento, uma tentativa de reconciliação para incorporação de Michelle à chapa presidencial poderia soar pouco crível, gerando o efeito reverso: mais um sintoma de fragilidade e impostura de Flávio.

A crise familiar, portanto, não se resolve por engenharia eleitoral simples: Michelle ajudaria Flávio como símbolo, mas também o ameaçaria como liderança e impostura de propósitos.

“Seria muito mais inteligente colocar a Michelle. Se ele pedisse desculpas publicamente, se retratar pra valer, ganharia muita visibilidade perante a visibilidade, para os evangélicos, para as mulheres, conseguiriam um alcance muito maior.”

PARTICIPANTE M, TRÍADE 1

“Creio que ela queria ser a presidenta, mas seria bom, juntando, família conservadora. E ela é forte, juntando os dois daria, mas da forma que está, ela atrás de ser presidenta não vai dar certo e acho que ela não queria ser vice dele, ia querer ser ela.”

PARTICIPANTE S, TRÍADE 1

“Eu acho que seria uma excelente ideia, se eles se fortalecessem ganhariam tranquilamente, mas eles não se entendem, é muita confusão. Mas hoje seria muito forçado demais.”

PARTICIPANTE FI, TRÍADE 2

“Acho que seria muito interessante, mas acho muito difícil porque ele sabe que Michelle não seria vice decorativo, sabe que ela teria voz e faria ele ficar meio exposto.”

PARTICIPANTE F, TRÍADE 2

“Imagina a comparação, escolher um cara acusado de abuso. Não tem explicação. Michelle iria agregar muito, mas acho que vai acontecer porque não se querem.”

PARTICIPANTE I, TRÍADE 2



Leitura estratégica

Michelle permanece como espelho incômodo: representa o que o enteado precisaria ter – apelo, autonomia, narrativa familiar, vínculo com mulheres e densidade própria –, mas sua força torna improvável que aceite papel subordinado e poderia gerar ainda mais sensação de fragilidade e engano por parte de Flávio.

10

Pacote de bondades: agenda social perdeu visibilidade

Os participantes percebem que a agenda de medidas e programas do governo saiu do noticiário nas últimas semanas. O espaço foi ocupado por escândalos de corrupção por todos os lados e pelas negociações envolvendo os Estados Unidos.

Essa percepção é um alerta para Lula: a vantagem construída por políticas sociais e entregas concretas pode se enfraquecer se não for continuamente reativada. Ao mesmo tempo, há compreensão de que o presidente precisa lidar com a agenda externa. A cobrança é por dosagem: resolver os EUA sem abandonar problemas internos.

"É verdade que a gente não escuta mais anúncios do Lula, né? Parece que agora é tudo escândalos de corrupção."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Eu sou ouvi ultimamente a troca de farpas do Flávio e a Michel e a coisa do Lulinha."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"Há tempo que a gente não escuta medidas, acho que Lula precisa continuar resolvendo o tema dos EUA, mas ele precisa prestar atenção as questões internas. Não que ele tenha abandonado os temas do Brasil, mas tem que voltar a falar sobre isso."

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

"Acho que deveria haver uma dosificação muito clara entre as atividades dele lá fora e os problemas aqui dentro."

PARTICIPANTE FI, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

Noticiário dominado por casos de corrupção e Trump impulsiona a dinâmica de guerra de rejeições eleitoral, orientada o debate público para o desgaste do adversário antes que a apresentação de propostas. Esse cenário é mais favorável a Flávio, que força Lula a "entrar no barro" e deixar de promover suas realizações como incumbente.

11

Escala 6x1: a agenda concreta que ainda entusiasma

A proposta de fim da escala 6x1 mantém alta potência entre os participantes. Ela conecta política à experiência cotidiana, à qualidade de vida e à vida material dos trabalhadores. Diferentemente de debates abstratos, é compreendida como medida concreta que poderia beneficiar muita gente.

Os participantes cobram envolvimento pessoal de Lula, pressão sobre o Senado e exposição de Alcolumbre caso a pauta continue travada. A demora pode ser convertida em oportunidade

eleitoral: o atraso legislativo permite transformar a proposta em bandeira de campanha e compromisso de vitória.

"Com certeza Lula teria que se envolver, cobrar para tirar da gaveta porque foi aprovado e onde está?"

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

"Se ele aproveitasse o gancho da eleição e colocasse mais encima para desengavetar poderia atrair mais voto nele. Poderia pressionar o presidente do Senado, ele tem poder e voz para isso e aí aproveita para engajar mais na eleição, é muito boa jogada."

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

"Acredito que se ele pressionasse para dar uma acelerada, acho que ele conseguiria muito mais voto e apoio porque hoje em dia pensamos muito mais na qualidade de vida. A mim ajudaria muito. E quantas pessoas seriam beneficiadas por um projeto desses. Sabe? Colocar mais voz, mais força, ele estaria demonstrando o interesse nisso dar certo."

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

"Lula deveria se esforçar e expor mais o Alcolumbre para que deixe de sabotar, de travar isso. Acho que Lula tem que expor mais ele, sim, porque não está andando e isso vai cair no colo de Lula."

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2

"Acho que seria um dos pontos mais positivos referentes a Lula. É uma demanda muito necessária."

PARTICIPANTE FI, TRIÁDE 2

12

Inclinação de voto: Lula por postura; Flávio por desejo abstrato de mudança

A inclinação de voto confirma novamente a lógica relacional. Os participantes começam explicando por que não votariam no outro candidato antes de justificar positivamente sua escolha. Nesta rodada, a maioria se inclina a Lula, novamente menos por paixão e mais por comparação com a postura errática de Flávio.

Lula aparece como mais centrado, mais governante, alguém que pensa antes de falar e demonstra

preocupação com o conjunto. Flávio aparece como mais ensimesmado, envolvido em polêmicas e fragilizado pelo isolamento político revelado na escolha do vice. A única inclinação pró-Flávio registrada se ancora na permanência do desejo de mudança e na fadiga com o tempo de Lula no poder.

“Mais no Lula porque ele está se mostrando com postura melhor, mais centrada. Ele pensa quando fala, traz mais segurança como o que falou sobre o filho. Eu vejo mais um governante do que quando vejo o Flávio que parece uma pessoa mais egoísta que pensa mais no próprio benefício e não no bem comum.”

PARTICIPANTE M, TRIÁDE 1

“Votaria no Lula porque com ao Raquel disse está sabendo falar e se colocar melhor nessas confusões enquanto o outro está sempre em polêmicas. E o Lula a gente já conhece as propostas.”

PARTICIPANTE S, TRIÁDE 1

“Só pelo fato desse vice de Flávio não votaria nele de jeito nenhum.”

PARTICIPANTE G, TRIÁDE 1

“No Lula principalmente por conta do escândalo do Banco Master e também não sabia do vice do Flávio e isso é muito sensível para mim.”

PARTICIPANTE F, TRIÁDE 2

“Essa coisa do vice do Flávio me preocupa muito então acho que por conta disso nesse momento votaria no Lula por isso, mas ainda estou um pouco indeciso.”

PARTICIPANTE FI, TRIÁDE 2

“Talvez iria de Flávio porque Brasil precisa de mudança e Lula já tem muito tempo aí.”

PARTICIPANTE I, TRIÁDE 2



Leitura estratégica

A rodada inclina a Lula por postura e comparação; não encerra a demanda por mudança. Flávio segue vivo enquanto encarnar novidade, mas a novidade está cada vez mais desacompanhada de confiança.



Integração analítica

A décima terceira rodada aprofunda o roteiro acumulado desde Dark Horse, mas acrescenta uma nova camada: a comparação entre corrupção administrada e corrupção biográfica. No caso Lula, os episódios de Lulinha e Marcola ativam suspeita, mas são administrados pela forma institucional da resposta. No caso Flávio, Master continua operando como matriz de leitura biográfica: não é apenas um escândalo, mas a chave pela qual o eleitor interpreta mentira, dissimulação, falta de explicação, isolamento e más escolhas.

A diferença central está na proximidade percebida. Lulinha e Marcola são pessoas próximas a Lula; Flávio, no Master, aparece diretamente. Essa distinção não torna Lula imune: o eleitor cobra cuidado com entorno e independência da PF. Mas preserva uma assimetria importante: Lula é testado por seu entorno e por sua capacidade de não proteger; Flávio é testado por sua própria conduta, sua fala pública, sua explicação e suas escolhas.

A rodada também mostra a força da forma política. Lula é visto como alguém que pode calcular, mas sabe se comportar. Isso importa. Em um eleitorado que desconfia de todos, não se trata de acreditar plenamente, mas de identificar quem parece mais capaz de preservar liturgia, autocontrole e responsabilidade. A política é vista como jogo de cálculo; a diferença está entre cálculo com forma institucional e cálculo que parece cinismo, mentira ou improvisado.

Flávio, por sua vez, enfrenta uma espiral de confirmação negativa. Isolamento partidário confirma toxicidade; falta de propostas confirma vazio; escolha de Alfredo Gaspar confirma fragilidade de alianças e incoerência moral; ausência de Michelle confirma dificuldade de organizar a própria família e base; Master confirma desconfiança; o conjunto confirma que a mudança desejada pode ser mudança sem segurança.

A escolha do vice é particularmente danosa porque toca gênero, família e coerência. Desde as rodadas anteriores, Flávio vinha tentando reparar sua relação com mulheres e recompor o dano Michelle/Paulo Figueiredo. A indicação de um nome associado a uma denúncia de estupro de vulnerável, tal como recebida pelos participantes no material testado, entra na direção oposta: reabre a pergunta sobre respeito às mulheres e torna mais inverossímil o discurso de defesa da família.

Por outro lado, Lula não pode depender apenas da comparação negativa. A percepção de que o “pacote de bondades” saiu do noticiário mostra um risco: a vantagem por postura pode se tornar insuficiente se não vier acompanhada de futuro concreto. A escala 6x1

aparece como oportunidade de recuperar centralidade social, falar de trabalho, qualidade de vida e compromisso com as famílias trabalhadoras. É a pauta que permite a Lula sair da defensiva ética e voltar à ofensiva material. O limão institucional de Alcolumbre pode virar uma limonada eleitoral para Lula caso saiba aproveitar a oportunidade para mostrar capacidade política de terminar de aprovar e implementar o fim da escala.

No voto, a lógica relacional permanece quase pura. Lula é escolhido porque parece mais adulto, mais sereno e mais governante diante de um Flávio percebido como ensimesmado, errático e cercado de polêmicas. Flávio ainda não Painel Narrativo Semanal DX - 13ª rodada | institutodx.org desaparece porque a demanda por mudança não desaparece. Mas o desejo de mudança está cada vez mais sem veículo seguro. A pergunta que organiza a rodada é: quem consegue atravessar suspeitas preservando postura, coerência e capacidade de governar? Nesta semana, Lula pareceu mais capaz; Flávio, mais uma vez, pareceu cercado por suas próprias escolhas.



Fique de olho

- Se os casos Lulinha e Marcola permanecerão como suspeita difusa ou se ganharão fatos capazes de romper a blindagem construída pela postura institucional de Lula.
- Se Lula seguirá enfatizando autonomia da Polícia Federal e responsabilização dos envolvidos sem parecer que fala demais ou que tenta se justificar, ou se gerará a sensação de estar interferindo a favor dos seus aliados.
- Se a percepção de “operação tartaruga” da PF se consolidará como desconfiança institucional relevante ou permanecerá como ruído resignado de período eleitoral.
- Se novos casos envolvendo pessoas próximas a Lula reforçarão ou não a crítica ao entorno e à capacidade de controle político do presidente.
- Se Flávio conseguirá sair da matriz Master/Dark Horse ou se cada novo episódio continuará sendo lido como confirmação de mentira, dissimulação e baixa confiabilidade.
- Se o impacto da indicação de Alfredo Gaspar sobre mulheres, evangélicos e eleitores sensíveis ao discurso de família continuará ou não a prejudicar Flávio.

- Se a escolha do vice será defendida por Flávio de modo capaz de reduzir dano ou se produzirá novas explicações consideradas cínicas ou insuficientes.
- Se Michelle Bolsonaro continuará como alternativa simbólica mais forte que Flávio dentro do bolsonarismo e como contraste incômodo com a chapa escolhida, se será vista como a madrasta pérfida, que tenta obstaculizar o enteado, ou se poderá ser vista como uma aliada de Flávio durante a campanha, atraindo o eleitorado feminino e evangélico para seu enteado.
- Se o isolamento partidário de Flávio persistirá, reforçando a percepção de candidatura tóxica, frágil e sem capacidade de formar governo ou se será capaz de apresentar um perfil presidencialável com propostas concretas.
- Se Lula conseguirá ou não recuperar a agenda positiva do governo depois de semanas dominadas por corrupção, EUA e conflitos do campo bolsonarista.
- Se a pauta da escala 6x1 será assumida por Lula como prioridade concreta de campanha, com pressão sobre Senado e Alcolumbre, ou se cairá no esquecimento até depois das eleições.
- Se o desejo de mudança continuará disponível a Flávio ou migrará para outra alternativa caso sua candidatura siga parecendo mudança insegura.



Conclusão

A décima terceira rodada indica que o eleitor pendular continua distante de decisão definitiva, mas cada vez mais treinado a comparar riscos morais, posturas públicas e sinais de governabilidade. Os casos Lulinha e Marcola reabrem suspeitas sobre Lula e seu entorno, mas não produzem, nesta rodada, dano equivalente ao Master para Flávio. A razão não está na ausência de desconfiança, mas na diferença entre resposta institucional, no envolvimento direto e na biografia em crise.

Lula aparece como opção mais administrável quando fala pouco, fala certo, preserva serenidade, defende autonomia da PF e evita transformar suspeitas familiares ou de entorno em espetáculo político. Mas sua vantagem depende de coerência contínua: qualquer sinal de proteção ao filho, favorecimento a pessoas próximas ou captura do calendário investigativo pode corroer rapidamente a confiança branda que hoje se recompõe pela forma.

Flávio segue vivo porque o desejo de mudança permanece. Mas essa é uma reserva cada vez mais abstrata. O isolamento da candidatura, a ausência de propostas reconhecidas, o peso do Master, a escolha de Alfredo Gaspar e a comparação recorrente com Michelle reforçam a percepção de que a candidatura não consegue transformar mudança em segurança. A novidade, para vencer, precisa parecer limpa, adulta, respeitosa, coerente, governável e orientada a propostas concretas para o povo. Nesta rodada, Flávio não conseguiu parecer nenhuma dessas coisas de modo suficiente.

O achado central é que a disputa segue organizada por biografias morais em teste permanente, agora atravessadas por uma comparação entre coerência institucional e incoerência de alianças. Lula precisa provar que sua experiência ainda oferece futuro, não apenas contenção de danos. Flávio precisa provar que sua mudança não é improviso, isolamento, cinismo, tutela familiar ou risco moral. O eleitor pendular segue desejando mudança, mas nesta semana voltou a perguntar: mudança com quem, com qual vice, com quais propostas e com que grau de confiança?